

Corda esticada

Economia - Brasil

RUBENS JOÃO TAFNER*

O crescimento da inflação, apontado mês a mês pelos institutos de pesquisas econômicas, tem sido um sinalizador de importantes mudanças na economia brasileira, que estão na iminência de acontecer. O IPCA, calculado pelo IBGE, por exemplo, indica uma alta de 1,09% em julho, mais que cinco vezes a inflação de junho, numa variação acumulada de 5,09% – nada menos que 64% da meta estabelecida pelo próprio governo.

Alguns produtos absorvem a elevação da taxa de câmbio integralmente no preço, especialmente aqueles controlados pelo governo. O caso dos medicamentos é um exemplo clássico. Para esse tipo de produto não existe concorrência. Não se pode simplesmente deixar de consumi-lo e, na maioria das vezes, não há como recorrer a similares. Nos sete primeiros meses do ano, os reajustes de preço nas prateleiras das farmácias chegaram a 59%. Aumentos esses que foram responsáveis pela saída do secretário de Direito Econômico do Ministério da Justiça, Rui Coutinho.

Mas a política de reajustes não se limita aos medicamentos. Os índices da Fundação Getúlio Vargas mostram que, de janeiro a julho, o preço dos combustíveis aumentou 55%. O reajuste da energia elétrica bateu em 17%. Nesse mesmo período, as tarifas telefônicas ficaram 8,5% mais caras; os botijões de gás subiram 39,7%.

Esses itens são a mola propulsora da cadeia produtiva, que mais cedo ou mais tarde se vê obrigada a repassar os aumentos para os consumidores. As consequências desse efeito dominó sempre acabam vindo à tona.

Todos os reajustes são justificados com fortes argumentos. Mas o fato é que provocam efeitos danosos nos orçamentos da população, que não tem mais como apertar o cinto. Depois de cinco anos convivendo com a estabilidade, conquistada graças a um persistente trabalho da equipe econômica, agora os consumidores assistem perplexos a essa ciranda de reajustes.

O crescimento brusco da inflação promove um desequilíbrio que choca o grande público. O fato surpreende tanto as pessoas

que acreditam que estamos retrocedendo à época da inflação descontrolada, quanto aqueles que confiavam na política econômica e pensavam compreender o funcionamento do sistema.

Essa prática de reajuste torna nulo todo o aprendizado desses anos de inflação controlada. Com tudo isso, é evidente que a sociedade está insatisfeita. A prova é a queda de popularidade do presidente. É necessário resgatar, urgentemente, a confiança nos rumos da nossa política econômica. Para atingir esse objetivo, é fundamental evitar medidas que provoquem insegurança sobre os caminhos da economia. Enfrentar situações antagônicas, que se chocam com conceitos desenvolvidos durante um duro e longo período de aprendizado, contribui decisivamente para criar a sensação de frustração e impotência para aceitar novos desafios. Neste momento, esses são os sentimentos de que menos precisamos.

*Presidente do Ibrf/Nacional, vice-presidente do Comitê do lafel para o Mercosul